

Residentes cruzam os braços

Flávia Lima

Os 555 residentes dos hospitais públicos do Distrito Federal declararam ontem paralisação por tempo indeterminado. Os profissionais prometeram não atender sequer a emergências em pronto-socorro. Cerca de 80% dos residentes aderiram à greve. Oito hospitais do DF têm residentes na escala de atendimento.

De acordo com a Associação Brasileira dos Médicos Residentes (Abramer), as reivindicações principais da categoria são: reajuste de 53,7% da bolsa-auxílio, melhoria das condições de trabalho e cumprimento da jornada de 60 horas semanais. A bolsa auxílio, que hoje é de R\$ 1.459, é estabelecida pelo Ministério da Educação para pagamento dos residentes em todo o Brasil. O valor da bolsa é repassado aos estudantes pelo Governo do Distrito Federal.

Para o vice-presidente da Abramer, Márcio Almeida Paes, a expressão greve sequer pode ser usada para se referir à paralisação dos médicos residentes.

— Não temos contrato de emprego. O médico residente está em uma categoria de estudante — afirma.

A associação diz que a paralisação não deveria atrapalhar a rotina nos hospitais. O ideal, segundo Paes, é que os residentes tenham médicos que orientem o trabalho, os chamados preceptores. Mas essa não é a realidade hoje. Faltam preceptores nos hospitais.

— Um hospital não pode depender dos residentes. A residência é um ensino supervi-



MARCOS BRANDÃO

Enfermaria do HBB: ao menos 80% dos residentes deixa de comparecer ao trabalho



“ Dizer que não há alteração com a falta dos residentes é mentira, mas funcionamos sem comprometer o atendimento

Milton Menezes da Costa Neto, diretor do Hospital de Base,

emergência do hospital. Para enfrentar a falta dos residentes no final de semana, o diretor do Hospital de Base já chamou mais um neurologista e uma equipe de ortopedistas no plantão de fim de semana.

— Dizer que não há alteração com a falta dos residentes é mentira. Mas estamos funcionando normalmente, sem comprometer o atendimento no hospital. Os residentes trabalham, sim. Mas eles não trabalham sozinhos aqui no Hospital de Base. Tem sempre um médico ao lado — defende.

Com residente ou não, o atendimento no Hospital de Base é ruim, afirma Maria Aparecida Lopes Mota, de 26 anos. Para ela, não era a presença dos residentes que fazia com que o atendimento ficasse melhor.

A reclamação de Maria Aparecida tem motivo. A mãe, Olegária Lopes Ataíde, de 63 anos, está internada na enfermaria do Hospital de Base. De um mês para cá, Olegária foi ao hospital oito vezes com forte sangramento no nariz.

— Ela vinha e a mandavam voltar para casa. Terça ela voltou pela oitava vez. Colocaram um tampão e falaram que em 48 horas tomariam alguma providência. Hoje (ontem) voltaram e aumentaram o prazo para 72 horas — reclama.

O que mais irrita a filha de Olegária é a falta de comprometimento com a saúde dos pacientes. — Não fizeram nada para descobrir a causa dessa sangramento da minha mãe. Ela chorou de dor o dia todo. Ninguém faz nada para ajudar.

sionado e isso hoje não é respeitado — critica o vice-presidente da Abramer.

A paralisação poderá afetar principalmente os hospitais de Base, de Taguatinga e de Ceilândia. O diretor do Hospital de Base, Milton Menezes da Costa Neto, acredita que a paralisação dos residentes terá pequena duração. E afirma que o Hospital de Base não depende do trabalho dos estudantes.

Segundo ele, como em qualquer hospital de ponta do mundo, o trabalho do residente no Hospital de Base é importante, sim. Mas a ausência dos estudantes não implica falta de atendimento no hospital.

No Hospital de Base trabalham 218 residentes. São 700 médicos no quadro de funcionários. Por dia, cerca de 800 pacientes são atendidos na